

# Os técnicos mais cobiçados

por Elizabeth Rosa  
de Belo Horizonte

Nos jornais de Belo Horizonte podem-se encontrar anúncios de empregos solicitando técnicos formados especificamente no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Cefet).

O presidente da Samarco Mineração, Riuti Kanadani, diz que muitas vezes encontra dificuldades para contratar profissionais formados pela instituição.

"Quando a situação vai bem, as grandes empresas do Estado costumam chegar no meio do ano e fechar toda uma turma. A maioria dos alunos já termina o curso com o contrato de trabalho assegurado", conta.

Instalada em 1910 e enfrentando dificuldades relativas a espaço físico adequado ao longo de 42 anos, a escola, com dois campi em Belo Horizonte, é hoje uma das mais conceituadas instituições de ensino técnico do Brasil. Com um único exame de seleção, feito no início do ano, o Cefet oferece 1.200 vagas nos cursos de edificações, eletromecânica, eletrônica, eletrotécnica, estradas, mecânica, química, saneamento e informática. Além de formar engenheiros industriais nas especialidades elétrica e mecânica, neste último caso com vestibular em julho e janeiro para preenchimento de 80 vagas por semestre.

Os cursos técnicos, que na última seleção atraíram 6.500 candidatos, em horário diurno, têm duração de quatro anos; e os noturnos de cinco, sendo que nos

seis primeiros meses do último ano o aluno passa por um estágio obrigatório em empresas onde, comprovadamente, possa colocar em prática o ensino teórico ministrado pela escola.

O diretor de relações empresariais do Cefet, professor Carlos Alberto Maciel, explica que esse estágio é de pelo menos 600 horas e, antes de iniciá-lo, o aluno tem de apresentar um plano de atividades elaborado pela empresa e analisado pelos coordenadores do curso. "É nossa garantia de que as atividades a serem desenvolvidas estão realmente relacionadas com a área de ensino na qual ele vai se formar", diz.

Durante esse semestre prático o aluno tem de apresentar três relatórios sobre o estágio, e depois retornar por mais seis meses à escola, período em que se dedica a um seminário de graduação. "Essa última atividade, na verdade, tem por objetivo a troca de informações e experiências para reciclagem da própria instituição. É o mecanismo que encontramos para saber se o que é ensinado aqui dentro atende ao mercado. E só depois desse feedback é que o aluno recebe o diploma", afirma.

## VAGAS

Para conseguir o estágio, garante o professor, o aluno não encontra dificuldades. No final de agosto, o Cefet já tinha contabilizado 290 pedidos de estagiário, sendo 278 para formandos em cursos técnicos e doze para engenheiros.

A infra-estrutura da es-

cola é um dos motivos apontados por ele para a confiabilidade do ensino: a instituição tem 240 laboratórios, dentre eles o de metrologia, considerado um dos melhores do país. "Estamos em processo de credenciamento junto ao Instituto Nacional de Metrologia para fazermos a aferição de equipamentos de medição usados na indústria", conta Maciel.

No laboratório de química, há um ano foram instalados aparelhos modernos, produzidos no Leste europeu, de origem húngara. Mas o professor ressalta que, atualmente, a maior dificuldade enfrentada pela escola é a falta de recursos para reposição de equipamentos. "Temos uma unidade centralizada que funciona em Leopoldina, já no seu terceiro ano de funcionamento. Mas os laboratórios e oficinas ainda não estão aparelhados. O governo criou novas escolas mas não deu suporte financeiro para que elas se instalem. Como a primeira turma de mecânica e eletrotécnica já vai se formar, estamos negociando para que os alunos façam todo o quarto ano de aulas práticas nas indústrias da região."

## EVASÃO

Em 1909, quando criou as escolas técnicas nas capitais dos estados, o governo federal apresentou como justificativa a necessidade de facilitar às classes proletárias os meios de "vencer as dificuldades sempre crescentes da luta pela existência". Hoje, 80 anos depois, Maciel diz que as

instituições federais de ensino técnico são "escolas públicas que deram certo".

Mas, com a boa conceitualização no mercado, apenas 30% dos alunos que ingressam no Cefet terminam o curso técnico, com os 70% restantes optando por apenas receber o certificado de conclusão de 2º grau no final do terceiro ano de estudo. Na avaliação do professor, a maioria interrompe o ciclo porque consegue uma vaga na universidade, muitos no próprio curso de engenharia industrial oferecido pela escola.

"Não há como impedir essa ida para a universidade", constata. Para ele, o que mais motiva o abandono do curso após o recebimento do certificado de 2º grau é a ausência de um plano de carreiras para o técnico, que enfrenta uma grande defasagem salarial com relação, por exemplo, ao engenheiro.

Segundo ele, muitos dos formandos que passam pelo estágio nas empresas também acabam por ficar na escola, só que para o curso de graduação de professores para disciplinas específicas de 2º grau de cursos técnicos que, criado pelo Cefet em nível superior, formou sua primeira turma em 1983.

"Decidimos implantar o curso, em caráter emergencial, porque nenhuma escola oferece essa habilitação e a carência se refletia em nosso próprio quadro de docentes. Hoje, essa é mais uma opção, pois ainda há muito mercado de trabalho. Temos, inclusive, vários convênios para ministrar esses cursos em outras escolas."